SCHOPENHAUER COMO EDUCADOR[1]: UM MODELO DE MESTRE[2]

Miguel Angel de Barrenechea[3]

> *"Há no mundo um único caminho sobre o qual ninguém, exceto tu, poderia trilhar. Para onde leva? Não perguntes nada, deves seguir esse caminho".*
> *"Teus educadores não podem ser outra coisa senão teus libertadores".* (NIETZSCHE, 2004)

Resumo: O artigo aborda a concepção educativa nietzscheana que coloca Schopenhauer como modelo de mestre para os formadores de docentes. Analisa obras da primeira etapa do pensamento de Nietzsche, quando a educação ocupa um lugar central na sua reflexão filosófica. Conclui sustentando que Nietzsche, sob a inspiração de Schopenhauer, entendido como "filósofo educador", coloca no âmago da sua reflexão pedagógica o convite à realização de si, à concretização daquilo que constitui o mais próprio de cada um, a "chegar a ser o que se é".

Palavras-chave: Schopenhauer; Nietzsche; mestre; modelo de formação.

SCHOPENHAUER COMO EDUCADOR: UN MODELO DE MAESTRO.

Resumen: El artículo aborda la concepción educativa nietzscheana que caractiza a Schopenhauer como modelo de maestro para los formadores de docentes. Analiza obras de la primera etapa del pensamiento de Nietzsche, cuando la educación ocupa un lugar central en su reflexión filosófica. Concluye sustentando que Nietzsche, bajo la inspiración de Schopenhauer, coloca en el centro de su reflexión pedagógica la invitación a la realización de si mismo, a la concretización de aquello que constituye lo más propio de cada uno, a "llegar a ser lo que se es".

Palabras clave: Schopenhauer; Nietzsche; maestro; modelo de formacion.

---

[1] Para Sérgio P. da Silva, pelo diálogo filosófico, pela amizade.

[2] Neste texto, apresento as principais reflexões da palestra que ministrei no evento realizado em Catalão, Universidade Federal de Goiás, em abril de 2015, *I Seminário de Filosofia e Formação de Professores. Contribuições de Arendt, Nietzsche e outras auroras*, organizado pelo Prof. Dr. Sérgio Pereira da Silva. Este texto foi apresentado na Mesa Redonda "Nietzsche, arte e vontade de potência na formação de professores". Agradeço a Sérgio por ter contribuído com valiosos comentários e observações que ajudaram a aprimorar as reflexões contidas neste artigo.

[3] Doutor em Filosofia. Professor Associado dos Programas de Pós-Graduação em Memória Social (PPGMS), em Educação (PPGEdu) e das graduações em Educação, em Educação a Distância e em Filosofia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Email: miguelangelb@ig.com.br

SCHOPENHAUER AS EDUCATOR: A MASTER MODEL

Abstract: This article discusses the Nietzsche's educational concept that places Schopenhauer as a model of master for teachers' formation. It analyzes some works of the first stage of Nietzsche's thought, when education occupies a central place in his philosophical reflection. The author concludes that Nietzsche, under the understanding that Schopenhauer was an "educator philosopher", puts the focus of his pedagogical reflection on the invitation to each individual reaches his self-realization and also becomes, and be, what he really is.

Keywords: Schopenhauer; Nietzsche; master; training model.

Introdução

Neste artigo, a minha proposta consiste em analisar a interpretação nietzscheana da figura de Schopenhauer (1788 – 1860), entendido como um modelo de educador e formador. Tenciono aludir às críticas que Nietzsche (1844 – 1900) dirige à educação moderna, dominada por critérios oriundos do mercado e da indústria. Esses questionamentos têm como propósito central denunciar uma educação dominada pelas exigências da economia, pela tendência à geração e ampliação do consumo. Em conformidade com estas exigências, almeja-se a capacitação dos estudantes para serem rapidamente absorvidos pela engrenagem produtiva. Tentarei mostrar como Nietzsche aponta para outra visão da educação: propiciar a formação integral de cada discente, para além das urgências do sistema econômico da época. A imagem de Schopenhauer se apresenta como alguém que *resiste* às imposições da época. Na ótica nietzscheana, o autor de *O mundo como vontade e representação*[4], é modelo de *filósofo educador* que, perante as exigências de uma época banal e economicista, consegue propiciar que cada estudante desenvolva suas capacidades mais singulares, suas tendências mais genuínas.

Nas suas análises sobre a educação, Nietzsche não propõe nenhuma concepção pedagógica sistemática, nem técnicas de formação ou propostas curriculares definidas. O pensador alemão apresenta, sim, um *diagnóstico* e um *prognóstico*[5] geral sobre a cultura e a educação da Alemanha do século XIX, sugerindo outros caminhos para uma educação para o futuro. Essas ideias encontram-se principalmente nas suas reflexões de juventude, contidas nas suas primeiras obras. Entre elas, destaco as denominadas *Conferências sobre os nossos estabelecimentos de ensino* (proferidas inicialmente como cinco conferências na Universidade de Basiléia, quando Nietzsche ainda era docente de Filologia nessa

[4] Lembremos que Nietzsche entra em contato com *O mundo como vontade e representação* (*Der Welt als Wille und Vorstellung*), em Leipzig, em 1863, com 19 anos de idade. Frente à vitrine de uma livraria, ele contempla esse texto de autor desconhecido. Ao ler a primeira página se sente profundamente interessado e leva-o para sua casa. Pouco tempo depois, declara: "Não sei que demônio me soprou: *Leve este livro para casa*... Mal entrei em meu quarto abri o tesouro que havia adquirido e comecei a deixar que esse gênio enérgico e sombrio agisse sobre mim..." (apud HALEVY, Daniel. *Nietzsche*: uma biografia. Rio de Janeiro: Campus,1989, p. 37-38).

[5] Na primeira etapa do pensamento nietzscheano, já no inverno de 1872-1873, Nietzsche emprega a imagem de "médico da cultura" ou "médico da civilização" para caracterizar o labor do filósofo, como a tentativa de desvendar os estados de saúde – sadios ou doentios – que determinam as diversas expressões da cultura ocidental (WOTLING, Patrik. *Nietzsche et le problème de la civilization*. Paris: Puf, 1995, p. 111-112 e BARRENECHEA, *Nietzsche e o corpo*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009, p. 19-20).

instituição) e a *III Consideração intempestiva:* Schopenhauer educador.[6] Esses textos serão os principais referenciais teóricos para refletir sobre a figura de um docente filosófico, simbolizada pela imagem de Schopenhauer, em cujos referenciais há ricas possibilidades de inferências para a formação de docente, posto que o docente, em Nietzsche, deve ser "mestre" e as distinções entre um e outro estão evidentes na epígrafe que iniciou este texto.

Nas *Conferências*, Nietzsche (2004) realiza numerosas críticas à educação e aos valores que norteavam o ensino da época. Ele questiona uma concepção educativa que coloca todo o sistema de ensino a serviço do mercado. O objetivo primordial da educação fica restrito a capacitar os jovens para sua inserção na estrutura econômica, para torná-los produtores e consumidores nesse sistema. Nessa ótica, todas as instituições educativas devem prover uma grande quantidade de consumidores-produtores que serão usufruídos pela engrenagem industrial. Predomina o quantitativo em detrimento do qualitativo: deixa-se de lado o avanço da cultura, da criação, protela-se o desenvolvimento harmonioso de todas as capacidades dos discentes. Assim, Nietzsche realiza uma avaliação da cultura e da educação da Modernidade em todas as suas instituições[7]. A partir dessa avaliação, o autor apresenta importantes ideias, sugerindo a adoção de outros rumos para as práticas pedagógicas dessa época. Em *III Consideração intempestiva...*, há um detalhado diagnóstico sobre a educação vigente, mas o essencial consiste no seu prognóstico, a sua proposta, a sua alternativa ao sistema dominante nesses dias. Para elucidar essa concepção nietzscheana de educação, analisarei agora algumas das ideias desse livro que permitirão avançar no objetivo principal deste artigo: esclarecer o papel de um docente superior, entendido como um modelo de vida.

É importante destacar que Nietzsche não conheceu pessoalmente Schopenhauer. Mesmo sem ter estabelecido um contato direto com ele, Nietzsche o adotou como modelo do genuíno educador.[8] É importante reconhecer que, mesmo sendo altamente valorizado

---

[6] *Conferências sobre os nossos estabelecimentos de ensino* e *III Consideração intempestiva: Schopenhauer educador* estão contidas na tradução ao português de Noéli Correia de Melo sob o título: *Escritos sobre educação*. São Paulo: Loyola, 2004.

[7] Nessa etapa, Nietzsche define a cultura como "a unidade de estilo artístico em todas as manifestações de um povo" (NIETZSCHE, Friedrich. David Strauss: el confesional, el escritor. In: _____. *Consideraciones intempestivas*. Tradução E. Ovejero e F. González. Madri: Aguilar, 1932, p. 6).

[8] Nietzsche adota Schopenhauer como mestre, e chega até a chamá-lo, tomado pelo entusiasmo e a admiração, de "seu pai". Curiosamente, Schopenhauer morreu em 1860, pouco tempo antes de Nietzsche descobrir *O mundo*... Essa proximidade e essa impossibilidade de poder conhecê-lo o incomoda e o frustra. Como assinala Halevy (1989, p. 39): "Exalta-se, sente-se de súbito pungido por um remorso; seis anos antes, Schopenhauer ainda vivia; poderia ter-se aproximado dele, ouvi-lo, falar-lhe de sua veneração. Que surpreendente diálogo se teria então estabelecido entre o velho metafísico endurecido pela idade provecta

por Nietzsche na sua função de educador, Schopenhauer praticamente não teve discípulos, assim como sua carreira docente foi rapidamente interrompida, já que se afastou do ensino ao perceber sua profunda insatisfação com a vida acadêmica.[9] Ele viveu sempre como um pensador solitário, em procura de outros solitários que pudessem dialogar com as suas ideias, contrárias à concepção hegeliana, vigente na sua época.[10] Sua voz permaneceu, assim, silenciada, praticamente desconhecida pelos seus contemporâneos. Contudo, mesmo que Nietzsche nunca tivesse um contato direto com Schopenhauer, a leitura desse livro foi decisiva para o então jovem filólogo. Depois de ler com grande avidez essa obra, o jovem Nietzsche acreditou ter encontrado seu mestre, seu mentor intelectual.[11] Na sequência, abordarei algumas das características que, conforme a interpretação nietzscheana, fizeram de Schopenhauer um genuíno formador de homens livres, isto é, um libertador.[12]

As características do docente modelar

Inicialmente, quero destacar que a característica principal de um genuíno mestre, conforme a interpretação nietzscheana, consiste em permitir que o discente chegue a tornar-se "o que ele é", que possa desenvolver a sua autonomia, as suas tendências mais singulares. Nesse sentido, todos os seus ensinamentos poderiam inspirar-se no aforismo de Píndaro, que se constitui na clave, no *leitmotiv* do pensamento educacional

[...] e o jovem entusiasta ávido de verdades cada vez mais agudas e mais duras! Mas o destino os havia separado. Nietzsche vê-se afligido por uma alegria e tristeza intensas [...]."

[9] Schopenhauer faz uma profunda crítica às instituições universitárias de sua época. Para ele, as universidades apenas servem aos objetivos do Estado, sua única função seria corroborar e divulgar as teses da religião oficial: "[...] enquanto a Igreja existir, só poderá ser ensinada nas universidades uma filosofia que, composta em total consideração para com a religião do Estado, caminhe, no essencial, paralelamente a ela, e que, portanto, [...] de fato nada mais seja, no fundo e no principal, que uma paráfrase e uma apologia da religião do Estado." (SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a filosofia universitária.* Tradução Maria Lúcia Melo Oliveira Cacciola e Márcio Suzuki. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 6).

[10] Nietzsche, na *II Consideração intempestiva*, realiza uma profunda crítica ao historicismo hegeliano que predominava nas academias alemãs da época, cultuando a História e a volta ao passado como valores principais. Nietzsche questiona essa concepção, destacando a importância do esquecimento para a vida, assim como de um conhecimento que seja útil para o viver. (NIETZSCHE, F. *Segunda consideração intempestiva*: da utilidade e desvantagem da história para a vida. Tradução Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2003).

[11] Safranski destaca que Nietzsche adota Schopenhauer como seu mestre, seu educador e, mais ainda, como seu "libertador": "Nietzsche expressa claramente que para ele Schopenhauer não foi apenas um mestre, mas, sobretudo, um *educador*. Lá ele define o verdadeiro educador como *libertador* (*Schopenhauer educador*, 1, 341; SE), que ajuda uma *alma jovem* a descobrir *a lei fundamental do próprio eu.*" (SAFRANSKI, Rüdiger. *Nietzsche:* biografia de uma tragédia. São Paulo: Geração Editoral, 2001, p. 39).

[12] No início da *III Consideração intempestiva*..., (NIETZSCHE, Friedrich. 2004, p. 142). lemos: "os teus educadores não podem ser outra coisa senão teus libertadores."

nietzscheano: "Chega a ser o que tu és".[13] Assim, o essencial de toda formação consiste na realização do mais próprio, daquilo que resiste a todo condicionamento externo, a toda imposição de critérios ou de ideias alheias.

Vale lembrar que, ao longo de toda sua vida, Schopenhauer manteve a autonomia e a independência; nunca se curvou perante os poderes estabelecidos, não se submeteu aos ditames da universidade, afastando-se precocemente da instituição por não aceitar diretrizes arbitrárias; tampouco se curvou às exigências do mercado editorial, de tal forma que sua obra só começou a ser conhecida tardiamente, após a sua maturidade. Nietzsche valoriza essa autonomia e independência como traço fundamental do mestre-filósofo. Um comentário da *III Consideração intempestiva* coloca a independência, a liberdade como traço essencial: "[...] liberdade viril de caráter, conhecimento precoce dos homens, educação que não pretende formar um erudito, ausência de qualquer estreiteza patriótica, de qualquer obrigação de ganhar seu pão, de obediência ao Estado – em suma, liberdade, sempre liberdade."[14] Em virtude dessa autonomia, o mestre poderá arrogar-se a condição de um genuíno crítico do seu tempo, de um lúcido hermeneuta de sua época.

O filósofo intempestivo: luta contra si mesmo e contra o tempo presente

Há, assim, outro traço essencial que deveria caracterizar todo docente, o que lhe permitiria "chegar a ser o que ele é": trata-se da capacidade de lutar contra sua época e até contender contra si mesmo, contra crenças e valores impostos ao longo de toda uma vida. Em outras palavras, no difícil e sinuoso caminhar de um docente filósofo, ele deverá travar combate contra múltiplas restrições e imposições de uma época, na qual ele se sente inserido e, ao mesmo tempo, alheio. Em numerosos textos nietzschianos, é colocada em destaque a noção de *extemporâneo* ou *intempestivo (unzeitgemäB)*. O pensador, o genuíno docente, capaz de realizar uma crítica profunda de sua época, pertence e não pertence, de forma simultânea, a esse momento histórico.

A inserção no tempo presente garante o conhecimento e a capacidade de enxergar todas as mazelas de uma sociedade. A perspectiva possibilitada pela distância outorga-lhe a aptidão para refletir, para tornar-se um verdadeiro espelho da época. Assim, esse

[13] Na autobiografia de Nietzsche, sua última obra publicada em 1888, *Ecce homo*, ele coloca, como subtítulo desse relevante livro, o aforismo de Píndaro: "Como alguém se torna o que é". Esse aforismo sintetiza a ideia central da sua concepção educativa: o essencial em toda formação é o desenvolvimento daquilo que é mais próprio e singular, isto é, toda educação genuína é autoeducação.
[14] NIETZSCHE, 2004, p. 207.

docente singular, educa-se contra o tempo presente, já que ele "conhece verdadeiramente o seu tempo".[15] Ao enxergar com clareza a própria época, ao perceber e detectar todas as "doenças" do seu tempo, ele se torna um "médico da civilização", um crítico distante, mas, ao mesmo tempo, próximo. Ele se torna "extemporâneo", ou "intempestivo"[16]. Desde o início de sua obra (biênio 1872-3), Nietzsche cunha a imagem de "médico da civilização", que consegue detectar as mazelas da Modernidade, pois está no tempo presente e, também, consegue ver para "além do seu tempo".[17] O formador de docentes, ou docente, não poderia ignorar essa terapêutica cultural.

O verdadeiro mestre: um homem simples e honesto

Esse modelo de mestre, encarnado pela figura do Schopenhauer, destoa completamente da atitude dos intelectuais universitários da época. O acadêmico universitário, assim como outros homens considerados *cultos* na Modernidade, é caracterizado por Nietzsche como "pseudointelectual", como um teórico que ostenta uma série de conhecimentos superficiais, desvinculados da vida concreta, cultor de uma erudição pedante e vazia.[18] Esses eruditos – ou como afirma Nietzsche: "filisteus da cultura" – abundavam nos meios acadêmicos dessa época, como abundam com tanta frequência nas instituições educacionais desta nossa época. Estes filisteus pretendiam, ao

[15] Ibidem, p. 163.

[16] Nas *Considerações extemporâneas* ou *Intempestivas* (*Unzeitgemässe Betrachtungen*) encontramos a imagem daquele pensador singular que pertence ao tempo presente e ao mesmo tempo consegue ultrapassá-lo, trata-se do filósofo intempestivo, extemporâneo. O filósofo alemão, no início da década de 1870, empregou as *Considerações...* como sendo peças panfletárias para criticar diversas instituições ou figuras relevantes da modernidade. A primeira foi dedicada à crítica de David Strauss, escritor reconhecido na época, que Nietzsche considera modelo de "filisteu da cultura", isto é, um pseudointelectual; a segunda foi destinada à crítica do culto exagerado à História, que dominava as universidades da época, que valorizavam exageradamente o passado; a terceira, foco reflexivo deste trabalho, exalta a figura de Schopenhauer como educador, que contrastava com a mediocridade da educação vigente nas instituições modernas; a quarta alude à música de Wagner em Bayreuth, exaltando-a como uma manifestação artística genuinamente revolucionária. Para esclarecer a relação extemporânea de Nietzsche com seu próprio tempo, ver meu texto: "A tragédia e a atualidade. Nietzsche e a contemporaneidade do arcaico" (BARRENECHEA, Miguel Angel de. *Nietzsche e a alegria do trágico*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014, p. 41-51).

[17] Como disse, a imagem de "médico da civilização" ou "terapeuta da cultura" é oriunda da primeira etapa da obra nietzscheana, dos anos 1872-3. Wotling (1995, p. 111-112) lembra que essa imagem alude a um projeto metodológico de crítica da cultura surgido nos seus anos iniciais: "Desde os seus primeiros textos, o projeto filosófico é determinado nitidamente: efetivamente, nas notas de 1872-3 ele define pela primeira vez a tarefa específica do filósofo através do modelo médico: '*O filósofo como médico da civilização*'.".

[18] Rosa Maria Dias caracteriza com acuidade a postura desses falsos intelectuais que falam de tudo, mas que, de fato, conhecem muito pouco e cultuam uma erudição banal que não é aplicada à existência concreta, à vida vivida: "[...] o 'filisteu da cultura' não é mais do que um ser intoxicado por mil impressões de segunda mão, sempre disposto a dissertar sobre o Estado, a Igreja, a filosofia e a arte." (DIAS, Rosa Maria. *Nietzsche educador*. São Paulo: Scipione, 1991, p. 64).

dominar um campo delimitado do saber[19], ascender socialmente e tornarem-se poderosos ou influentes, ganhando um espaço de destaque na academia. Como "pseudopensadores", eles gostam muito de ostentar a sua erudição perante todo tipo de auditório. Contrariamente, o genuíno filósofo educador, simbolizado na figura do Schopenhauer, não deseja essa exposição banal, esse exibicionismo superficial, ele é um autêntico pensador que não precisa das pretensas benesses que resultam do reconhecimento público. Esse pensador, esse docente é, essencialmente, simples e honesto; como foi Schopenhauer que renunciou a continuar na sua cátedra da universidade, que não se curvou perante as instituições da época: Estado, mercado, editoras, entre outras.

É importante que o (a) leitor (a) tenha em mente o fato de que Schopenhauer e Nietzsche foram pensadores "outsiders", devido, sobretudo, às suas idiossincrasias e genialidades tão extemporâneas no século XIX. A extemporaneidade de Nietzsche *traz algo de singular em relação ao seu mestre*: ele foi um filósofo e um mestre de uma solidão ativa, entendendo esta como sentimento e lugar fecundos para intuições, interpretações e ações singulares, ousadas e revolucionárias, no *stricto sensu*.

Schopenhauer afastou-se muito cedo da Instituição universitária, abandonando todas as benesses que lhe proporcionava o fato de estar inserido nessa estrutura gerenciada (e controlada rigorosamente) pelo Estado. Mesmo tendo produzido uma obra filosófica extraordinária, permaneceu à margem da vida acadêmica. Sua vida foi solitária, simples, pacata; ele transcorreu os seus dias refletindo e escrevendo, viveu sem discípulos e praticamente sem amigos; afastou-se dos holofotes tão almejados pelos eruditos da modernidade, pelos "filisteus da cultura". Ensinou-me, e a Nietzsche, que o pensador autêntico vive afastado das vaidades, do desejo de notoriedade, de brilho ou reconhecimento, seja dos pares, dos discentes ou do público em geral. Ou seja, abdica do reconhecimento dos seus contemporâneos, tolera o silêncio, o desconhecimento total em torno de sua obra, dessa forma assume uma postura de radical extemporaneidade. Esse ser humano íntegro adota uma atitude de austeridade e, conforme comentário de

[19] Uma das críticas mais severas dirigidas por Nietzsche à educação da época é a exagerada tendência à especialização; cada área está desvinculada das outras, o saber fica reduzido a compartimentos estanques, cada erudito cuida do seu "quintal" e desconhece um saber mais integral, que dê sentido às outras áreas da cultura. Nietzsche realiza um retrato bem-humorado desse pseudointelectual, ocupado apenas em um limitado campo do saber, através da figura da "sanguessuga", presente em *Zaratustra*. Essa figura exótica alude a um intelectual que estuda obsessivamente o cérebro da sanguessuga, nem sequer estuda as características gerais do animal; sem dúvida, indica uma especialização cega e burra que desconhece os sentidos mais amplos do saber para a cultura. (NIETZSCHE, F. 1998, p. 293-296).

Nietzsche, ele é: "simples e honesto no pensamento e na vida, e portanto intempestivo, no sentido mais profundo da palavra."[20]

O genuíno mestre ensina com o exemplo de sua vida

Outra característica relevante do filósofo-docente consiste em ensinar seus pensamentos a partir do exemplo de sua própria vida, ele não se restringe a elaborar teorias ou a construir sistemas filosóficos desvinculados de sua existência concreta. Esse docente singular não se limita a teorizar e abordar temas abstratos e banais, como procedem aqueles denominados de "filisteus da cultura"; ele não se detém a dissertar pomposamente sobre múltiplas questões em voga, como a política, as artes, e as questões denominadas "modernas", que tanto agitavam os seus contemporâneos. Esse pensador, profundamente interessado nas questões basilares da existência, não se preocupa com artifícios retóricos, ou com pacientes construtos conceituais, desvinculados do dia a dia, para conquistar a admiração dos seus discípulos e dos seus colegas de profissão, os "docentes universitários". Por isso, esse docente filosófico não se expressa apenas pelos seus escritos, para além da eloqüência e relevância da sua obra, ele corrobora, com seus próprios atos e com sua própria vida, aquilo que pensa e está presente nos seus livros. Em todas as suas ações, em todas as suas atitudes do dia-a-dia, nas suas expressões, até nos seus gestos ínfimos e espontâneos, esse docente filósofo transmite o essencial da sua filosofia. De fato, em virtude da coerência entre atos e pensamentos, entre sua conduta e o que teoriza, ele consegue tornar-se um exemplo de vida. Um formador de docentes, nesta perspectiva, é um modelo de ética, de estética, de política, de seriedade frente ao conhecimento científico e à cultura em geral. É, também, um modelo prático de didática e de profícua performance técnico-pedagógica. Mas, paradoxalmente, um modelo para ser superado, não para ser copiado.

Nietzsche valoriza não somente o relevante exemplo de Schopenhauer como mestre filósofo, mas destaca a atitude dos antigos filósofos gregos que sempre praticavam aquilo que pensavam e, ao mesmo tempo, refletiam sobre as experiências da sua vida concreta:

> Estimo tanto mais um filósofo quanto ele está em condições de servir de exemplo. [...] Mas o exemplo deve ser dado pela vida real e não unicamente pelos livros; deve ser dado, como ensinavam os filósofos da Grécia, pela expressão do rosto, pela vestimenta, pelo regime

[20] NIETZSCHE, 2004, p. 146.

> alimentar [...] mais ainda do que pelas palavras e sobretudo do que pela escrita.(NIETZSCHE, 2004, p. 150)

O docente superior: um "libertador" do discípulo.

Após essas ponderações, sintetizo as características do modelo de filósofo educador, conforme a ótica nietzscheana, simbolizado na figura de Schopenhauer. Esse docente superior possui seis traços que, de certa maneira, estão na base de uma docência para o cultivo da singularidade, para a concretização daquilo que é mais próprio de cada discente, isto é, para tornar-se "o que ele é". Esse singular docente deve:

a) Ser autônomo e independente de todas as instituições da época;
b) Educar-se *contra si mesmo* e contra o tempo presente;
c) Ser intempestivo ou extemporâneo: age e pensa para além da sua época;
d) Ser simples, honesto e autêntico;
e) Ensinar com o exemplo de sua vida, da sua conduta concreta;
f) Tornar-se um libertador do discente.

Nestas seis características estão sintetizadas as virtudes basilares de um filósofo-educador que consegue levar à prática a proposta essencial da concepção pedagógica de Nietzsche: deixar ser o que se é, permitir que cada discente cultive suas capacidades principais dele, superada discentes cultive suas principais capacidades.

O docente superior, como Nietzsche o compreendia, tornar-se-á um libertador dos seus discípulos: eis o corolário de toda sua atitude vital e pedagógica. Trata-se de uma difícil arte, uma tarefa complexa que não pode reduzir-se a fórmulas pedagógicas. Reiterando, o docente "libertador" insistirá para que o discente, que o adotou como modelo formativo, não repita justamente o modelo, que não intente copiar as atitudes, os pensamentos do mestre. Como corolário das qualidades desse mestre, os seus discentes poderão *libertar-se* de todas as imposições externas, de todas as instituições da época, mas ainda esses discípulos poderão ultrapassar a última "tentação" que consiste em sujeitar-se ao docente, imitá-lo e tentar copiar as suas atitudes, adotar piamente as suas teorias, tomando esse mestre como um espelho, como modelo rígido com o qual irão mimetizar-se. Por essas razões, ao encontrar um mestre tão singular, cada discente, irá perdê-lo, abandoná-lo. É de fato uma paradoxal e uma curiosa situação. Zaratustra ilustrou claramente esta situação quando "ordenou" a todos os seus discípulos que seguissem seu próprio caminho, que o esquecessem e o deixassem sozinho.

Nessa passagem de *Zaratustra*, talvez possamos encontrar uma indicação essencial de todo processo de autoformação; talvez toda construção de si seja uma libertação e ao mesmo tempo uma ruptura com toda alteridade, até chegar a afastar-se do amado mestre. Isso quer dizer que a autoformação, a educação de si próprio, exige uma tarefa interminável. Quando um discente progride na elevada tarefa da criação de si mesmo, ele pode saudar – como os discípulos do Zaratustra – e agradecer ao apreciado mestre e depois partir, ir embora. Contudo, em algum trajeto da sua singular caminhada, tão imprevisível, é possível que reencontre novamente esse amado docente. O discente terá, então, ao mesmo tempo, escutado e desacatado as indicações desse pedagogo superior. Em outras palavras, obedeceu a única diretriz possível na concepção pedagógica nietzscheana: exercer a singularidade, abandonar o docente para reencontrá-lo, justamente quando cada discípulo se reencontre a si mesmo. Vejamos uma eloquente passagem de *Zaratustra* que sintetiza a peculiar "concepção pedagógica" de Nietzsche: "Agora, prossigo sozinho, meus discípulos! E vós, também, agora, ide embora sozinhos! Assim o quero. [...] Ainda não havíeis procurado a vós mesmos: então, me achastes. Assim fazem todos os crentes; por isso, valem tão pouco todas as crenças. Agora eu vos mando perder-vos e achar-vos a vós mesmos; e somente depois que todos me tiverdes renegado, eu voltarei a vós."[21]

Considerações finais

Ao avaliar a própria prática pedagógica será importante destacar um fato relevante: atualmente as minhas tarefas docentes são desempenhadas em uma instituição pública. Curiosamente, essa atuação pedagógica transcorre numa época que é muito próxima, mesmo distante no tempo, daquela da época de Nietzsche. Por isso, é importante colocar uma questão: quais as práticas que predominam nessa instituição educativa em que me insiro? Posso estender a questão às demais áreas e níveis de ensino e focar a formação de docentes, em todas as licenciaturas, e as práticas educativas dos egressos de todos os cursos de formação docente, nas escolas da educação básica. Responder a essa (s) questão (ões) seria quase como defrontar-me com uma situação quase idêntica daquela descrita ao longo das *Conferências* e das *Considerações intempestivas*! Nesse sentido, torna-se necessário admitirmos que muitas vezes atuamos como meros operários da

[21] Ibidem.

educação – como "homens-moeda-corrente", tal como definidos nas *Conferências...*[22]. Em termos gerais, as instituições de ensino superior onde ensinamos, sejam públicas ou privadas, exigem produtividade, acima de tudo, e valorizam quantidade de aulas ministradas, número de discentes que "formamos" e quantitativo de horas dedicadas ao ensino. Tais instituições educativas não se preocupam com a qualidade, os significados e os valores que estão sendo transmitidos nessas aulas. O importante para elas, geralmente, consiste em preencher inúmeros formulários, currículos, cronogramas etc. Dessa forma, são quantificadas nossas tarefas, todas as atividades são avaliadas pelos seus resultados, tudo é computado de forma estatística: número de aulas, de discentes, de avaliações, de tudo aquilo que pode ser mensurado, considerado como lucro educacional.

Dedicados a esses inúmeros afazeres, a essas obrigações formais e burocráticas, geralmente perdemos de vista os sujeitos, os seres humanos; esquecemo-nos dos sentimentos, dos rostos, dos gestos, das dores e alegrias desses estudantes que "formamos" e produzimos aulas que negam a dor e a delícia da vida, como ela é. Na educação básica, nossos egressos fazem do mesmo jeito, a final, os exemplos do docente geralmente são assimilados pelos discentes, como já enfatizamos. Por isso, "formar" não consiste apenas em capacitar de forma fria e técnica: transmitir conteúdos, ministrar aulas, lançar notas etc. Para além dessa tarefa inócua e abstrata, em que muitas vezes os discentes são considerados apenas como números, ou nomes numa folha de papel ou no arquivo do computador, às vezes conseguimos enxergar um homem, um ser humano singular e irrepetível. Nesses raros momentos em que logramos vencer as atitudes que nos paralisam, nos uniformizam e nos desumanizam, podemos dar lugar a algo inédito, extraordinário: aparece um rosto humano, seja de uma criança, de um jovem, de um adulto ou de um velho, isto é, surge um sujeito com traços definidos. Nesse instante extraordinário, único, podemos nos afastar do "totem da tribo", do ídolo da época (o lucro acima de tudo), dos dogmas estabelecidos por uma educação pragmática, dominada apenas pelos interesses do mercado. Então, nos tornamos permeáveis e nos abrimos a um genuíno encontro com um discente, que tem um nome próprio, uma feição singular... Nesse momento, parece que nossa singularidade convoca a singularidade do outro. A partir desse encontro, o outro é convocado a "chegar a ser o que ele é".

[22] "A verdadeira tarefa da cultura seria então criar homens tão 'correntes' quanto possível, um pouco no sentido em que se fala de uma 'moeda corrente'. Quanto mais houvesse homens correntes, mais um povo seria feliz [...]." (NIETZSCHE, 2004, p. 62).

Nesse instante, a educação mercadológica e pragmática é suspensa e surge, mesmo que seja de forma esporádica e transitória, um genuíno encontro educativo, em que se torna possível pensar sobre a existência, a cultura, sobre aquilo que é essencial: o acolhimento e cuidado do outro, gerando sempre novos pensares e sentires, de forma conjunta.

Referências

BARRENECHEA, Miguel Angel de. *Nietzsche e o corpo*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

BARRENECHEA, Miguel Angel de. *Nietzsche e a alegria do trágico*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.

DIAS, Rosa Maria. *Nietzsche educador*. São Paulo: Scipione, 1991.

HALEVY, Daniel. *Nietzsche*: uma biografia. Tradução Roberto Cortes de Lacerda e Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

NIETZSCHE, F. David Strauss: el confesional, el escritor. In: *Consideraciones intempestivas*. Tradução de E. Ovejero e F. González. Madri: Aguilar, 1932.

NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra*. Tradução Mário Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

NIETZSCHE, F. *Segunda consideração intempestiva*: da utilidade e desvantagem da história para a vida. Tradução Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. *Escritos sobre educação*: conferências sobre os nossos estabelecimentos de ensino. *III Consideração intempestiva:* Schopenhauer educador. Tradução Noeli Correa de Melo Sobrinho. São Paulo: Loyola/PUC, 2004.

SAFRANSKI, Rüdiger. *Nietzsche:* biografia de uma tragédia. Tradução Lya Luft. São Paulo: Geração Editoral, 2001.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a filosofia universitária.* Tradução Maria Lúcia Melo Oliveira Cacciola e Márcio Suzuki. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WOTLING, Patrik. *Nietzsche et le problème de la civilization*. Paris: Puf, 1995.

Recebido em 25-09-2015
Aprovado em 10-11-2015